

Giovana Zimmermann

# Para escutar a cidade

O processo criativo de uma obra de arte tem tanta importância quanto a obra em si, embora o que fique visível seja o produto final. A escritura desse texto é uma oportunidade para compartilhar minhas motivações para o projeto da obra de arte pública intitulada “Para escutar a cidade”, instalada no edifício CEU, localizado no balneário do Estreito, bairro continental da cidade de Florianópolis (SC).

A inserção de obras de arte no espaço público é uma tática para humanizar a cidade; contudo, nem sempre foi assim, visto que essa inserção teve inúmeras funções ao longo da história. A Escola de Amsterdã, a Bauhaus, e a escola russa foram de extrema relevância para estimular as intervenções artísticas urbanas. Em 1917, o Construtivismo Russo, com o lema “Arte na Rua”, impulsionou a unificação das artes na cidade: teatro, música, dança, escultura, pintura e arquitetura (ZIMMERMANN, 2009). Na França, em 1936, foi instalado o primeiro projeto financiado pela Lei 1% *artistique*, a

qual designava que, para cada construção de escola ou universidade financiada pelo Estado, 1% era destinado à realização de uma obra de arte integrada no projeto arquitetônico. Em 1978, foi a vez de Chicago, nos Estados Unidos da América, que aprovou um decreto estipulando que uma porcentagem dos custos de construção de edifícios públicos fosse dedicada a comissionar ou adquirir obras de arte pública. Nos anos 1980, houve um novo e forte impulso das políticas públicas culturais na direção da arte no espaço urbano, especialmente em cidades europeias e nos Estados Unidos. No Brasil, o município de Recife saiu na frente com a Lei nº 14.348/1981, que serviu como modelo para a Lei municipal de Florianópolis nº 3255/89, onde atuo desde 1999.

Interagindo no âmbito público, senti necessidade de buscar maior conhecimento dos autores do Urbanismo. Nessa busca, ingressei no Mestrado de Arquitetura e Urbanismo e História da Cidade e prossegui no doutorado, investigando a cidade na

*De uma cidade não aproveitamos as suas sete ou setenta maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas.*

- Ítalo Calvino, 1972

## Giovana Zimmermann

é artista plástica e pesquisadora, com especialização em Linguagem Plástica Contemporânea, mestrado em Arquitetura e Urbanismo e História da Cidade (UFSC), doutorado em Literatura e pós-doutorado em Planejamento Urbano Regional (UFRJ). É autora do livro *Rio de Janeiro e Paris: a juventude apache do cinema na periferia*, além de obras de audiovisual e de arte urbana, realizadas no Brasil e no exterior.



Literatura, ambos cursados na Universidade Federal de Santa Catarina. A obra de arte pública “Para escutar a cidade”, de 2017, foi o meu último projeto aprovado pela Lei Complementar nº 482/2014, de Florianópolis.

Quando desenvolvo uma obra de arte para a cidade, preciso ter a consciência de tratar-se de um sonho privado realizado em um espaço público. Essa postura me faz entender que, mesmo que a obra tenha um autor, ela será entregue para a cidade; portanto, sua simples presença faz uma conversa com esse público, e isso demanda responsabilidade com aquilo que será dito. O exercício de elaborar uma obra de arte inserida em uma arquitetura precisa conversar também com as outras linguagens (arquitetura, paisagismo e iluminação), sem, no entanto, perder de vista sua relação com o passante, com o conceito que se quer empreender. Sempre que possível, invisto na promoção e na valorização da sociabilidade, criando mobiliários urbanos lúdicos e espaços de convivência. Nessa última obra, porém, minha aposta foi a de ressaltar a necessidade da escuta do urbano. Mas o que quero dizer com esse apelo que é escutar a cidade? Não me refiro ao som urbano, esse que quase sempre produz ruídos estressantes. Já que a cidade é campo de poder (como diria Pierre Bourdieu), palco de disputas, escutar a cidade é entender que ela se faz de heterogeneidade, e, de uma vez por todas, entender que o egoísmo e a intolerância não devem ter espaço no urbano. Conforme sugere o seu título, a obra busca promover a reflexão sobre a importância da sociabilidade, ou, no limite, refletir sobre a pergunta: como viver juntos? Essa foi a questão temática da 27ª Bienal de São Pau-

lo, cujo título foi tomado emprestado dos cursos de Roland Barthes, no Collège de France, ministrados entre 1976 e 1977, e que foi escolhido para abordar uma das questões mais prementes da vida pública, isto é: como estabelecer uma base de comunicação viável entre grupos e nações que se escutam cada vez menos?

Outros pensadores também se debruçaram sobre esse tema, com destaque para Charles Dickens, Honore de Balzac, Emile Zola, Victor Hugo, Edgar Allan Poe, Charles Baudelaire e Walter Benjamin, que escreveram sobre a formação da cidade industrial e a crença de ser o outro um

perigo urbano, o diferente, o estrangeiro. Ele é nosso vizinho, nosso igual; mas é também o forasteiro, o que faz as coisas de modo distinto, tem a pele de cor diferente e fala outra língua, tem outra religião.

Em seu livro *A cidade das palavras* (2008), Alberto Manguel ressalta que somos animais gregários, condenados ou abençoados pela obrigação de viver juntos. Em *As tabuletas de Gilgamesh*, o autor apresenta a análise de um poema épico, que promove o encontro do rei injusto Gilgamesh com o homem selvagem ingênuo Eankiddu, na cidade de Uruk, acreditando que o poema contém uma lição sobre o respeito ao diferente, em que o outro torna possível nossa existência.

A questão, para Manguel, não aponta para alternativa; ao contrário, ele quer perscrutar algumas possíveis glórias e desgraças dessa nossa condição, as quais, segundo ele, foram traduzidas em palavras, no esforço de imaginar a vida em comum na cidade. E sugere, ainda, que escutemos os visionários, os poetas, os romancistas, os ensaístas e os cineastas, porque eles redigiram, sonharam e contaram histórias sobre a vida nas cidades, e essas “histórias são artes complementares que dão voz a nossa percepção da realidade e podem nos servir como conhecimento vicário, transmissão de memórias, instrução ou advertência” (MANGUEL, 2008, p. 19).

Entrar em contato com esses autores e suas narrativas estimula nossa percepção da realidade, e, nessa medida, podemos dizer que, se a linguagem não cria corpos reais, estimula nosso imaginário para criarmos em outras linguagens, como a escultura, por exemplo. Assim, a obra de arte “Para escutar a cidade” é composta por um objeto escultórico, que sugere um

